

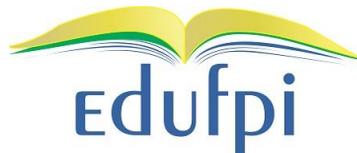
Ronildo Alves Benício, Robson Waldemar Ávila,
Mariluce Gonçalves Fonseca
(Autores)

Guia ilustrado dos Anfíbios & Répteis de Barras, Piauí



Ronildo Alves Benício, Robson Waldemar Ávila,
Mariluce Gonçalves Fonseca
(Autores)

Guia ilustrado dos Anfíbios & Répteis de Barras, Piauí



Teresina – Piauí
2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvécio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B467g

Benício, Ronildo Alves.

Guia ilustrado dos anfíbios & répteis de Barras, Piauí /
Ronildo Alves Benício; Robson Waldemar Ávila; Mariluce
Gonçalves Fonseca. – Teresina, PI: EDUFPI, 2021.

112 f. : il.

E-book.

ISBN 978-65-5904-048-3

1. Biodiversidade. 2. Herpetofauna. 3. Anfíbios - Piauí.
4. Répteis - Piauí I. Ávila, Robson Waldemar. II. Fonseca,
Mariluce Gonçalves. III. Título.

CDD 597.8

Bibliotecário: Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163

Sumário

Apresentação.....	05
Prefácio.....	06
Dedicatória.....	07
O município de Barras.....	08
Como utilizar este guia.....	10
Identificação.....	11
Anfíbios.....	12
Répteis.....	44
Lagartos.....	46
Cobras.....	61
Anfisbenas (cobras-de-duas-cabeças).....	87
Quelônios (cágados).....	89
Crocilianos (jacarés).....	93
Mitos e Crenças.....	95
Agradecimentos.....	99
Referências.....	100
Os autores.....	108

Apresentação

Este livro é resultado de todo um esforço que vem sendo realizado há mais de 10 anos com o intuito de conhecer as espécies de anfíbios e répteis do estado do Piauí.

O objetivo principal deste livro é informar estudantes e biólogos interessados em anfíbios e répteis do Piauí, mas também o público em geral sobre a enorme riqueza de espécies que existem na região. Trata-se de um trabalho de educação ambiental voltando principalmente para a população em geral.

Assim, esperamos que todos aqueles que tenham acesso a este guia e, em especial, os Barrenses possam conhecer e admirar sua diversa e belíssima fauna local.

Os autores

Prefácio

Foi pensando em pessoas como eu e você que os autores, entre eles, Ronildo Alves Benício, barrense de alma e coração, nos presentearam com esse belíssimo projeto, cumprindo a missão de redimensionar a grandeza da fauna do Piauí, em especial a da cidade de Barras.

A obra encanta pela leveza com que trata a temática, através de linguagem simples e ilustrações que impressionam pela riqueza de detalhes.

O Guia Ilustrado dos Anfíbios e Répteis de Barras, Piauí proporciona um profundo mergulho no mundo desses animais, pois as informações aqui inseridas nos permitem conhecer, preservar e valorizar tais seres que, embora renegado por muitos, contribuem sobremaneira para o equilíbrio ambiental.

Osmália Pereira Lira
Professora e Poetisa

Dedicatória

Dedico este livro a minha terra natal, aos Barrenses e a todos que nela vivem.

Ronildo Alves Benício

O município de Barras

Barras é um município brasileiro do interior do estado de Piauí, região nordeste do país (Figura 1). Situa-se na microrregião do Baixo Parnaíba Piauiense e na mesorregião do Norte Piauiense, distante 120 km a norte da capital Teresina.

Possui uma extensão territorial de 1.722,508 km², e população estimada em 46.291 habitantes, sendo o sétimo maior município do Piauí e o segundo da microrregião.

O clima da região é considerado tropical, sub-úmido quente, com duração do período seco de seis meses, temperatura máxima de 36 °C e mínima de 24 °C, precipitação média de 1.553,8 mm.

A vegetação é caracterizada por diferentes fitofisionomias características de Caatinga, Cerrado, Cocais, Floresta Estacional Semidecidual e Mata Ciliar.

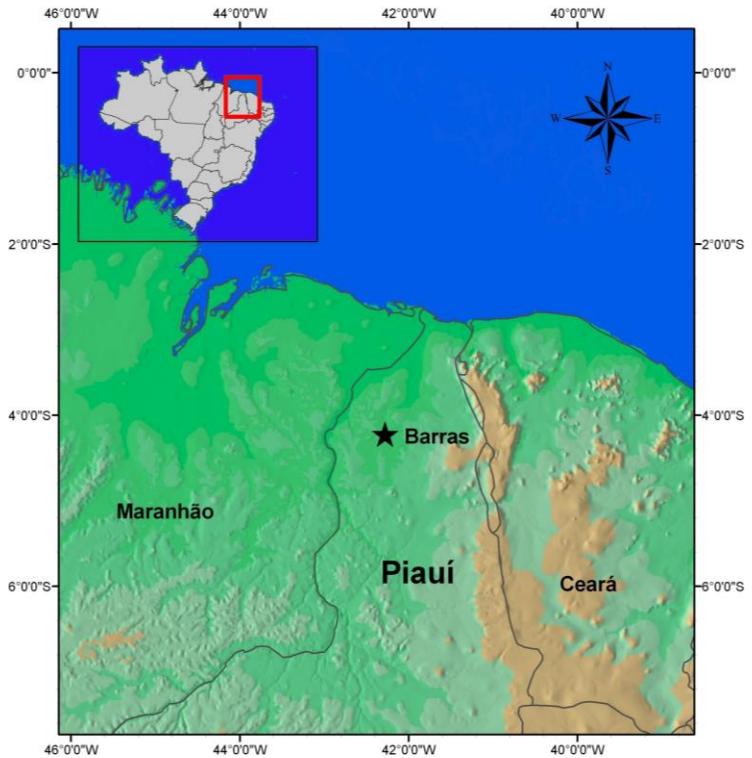


Figura 1. Localização do município de Barras, norte do estado de Piauí.

Como utilizar este guia

Este é um guia ilustrado pensado especialmente no público em geral. Não trata-se, portanto, de um trabalho técnico ou científico, mas apenas de caráter informativo.

Assim, nós utilizamos uma linguagem simples e de fácil entendimento. A maneira mais fácil de identificar uma espécie neste guia é procurar nas fotografias a espécie mais semelhante e ver a descrição e suas características (alguns termos são apresentados na seção “Identificação”).

Para cada espécie é apresentada o nome popular, o nome científico, uma descrição simples baseada principalmente em cores, formas, tamanhos, e um pouco da história natural das espécies.

Todos os dados aqui apresentados foram descritos com base em observações intensivas em campo (Autorização do IBAMA/ICMBio, SISBIO/3097-1), e por meio de literatura especializada disponível no final do livro.

Identificação

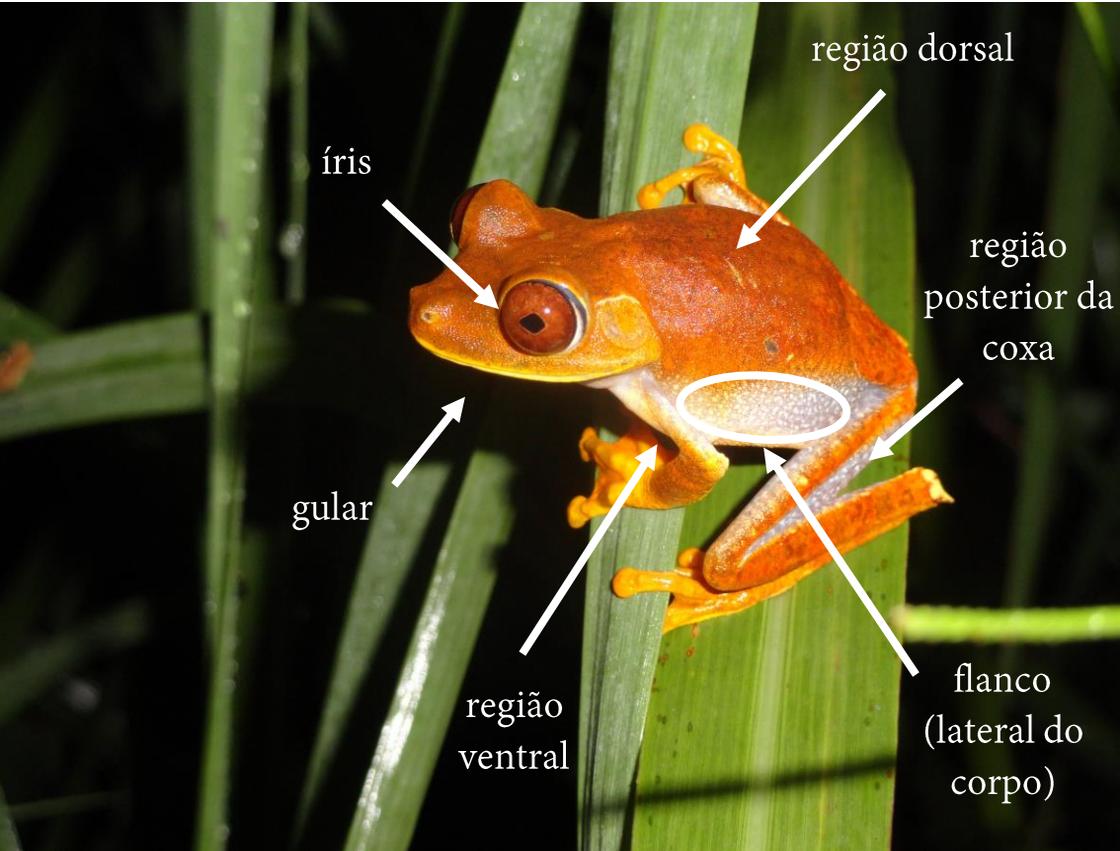


Figura 2. Alguns termos utilizados nas características das espécies.

Anfíbios

Os anfíbios é o grupo de animal caracterizado por possuir seu ciclo de vida dividido em duas fases: uma aquática e outra terrestre, apesar de haver exceções, daí o seu nome, *amphi* = ambos, *bio* = vida.

O grupo dos anfíbios compreende: i) os anuros que são os sapos, rãs e pererecas, e ocorrem em todos os lugares, ii) as gimnofionas que são anfíbios sem patas (ápodas) também chamados de cobras-cegas ou cecílias, e vivem principalmente enterrados no solo, e iii) os caudatas que são anfíbios com cauda e aparência de lagarto, também chamados de salamandras, e vivem principalmente em florestas.

No geral, os anfíbios são carnívoros, se alimentando de insetos, aranhas, escorpiões e larvas de mosquitos. Ou seja, além de inofensivos, eles são extremamente úteis ao ambiente. Além disso, os anfíbios são bons indicadores da qualidade do ambiente local.

O Brasil é o país com o maior número de espécies de anfíbios no mundo. São registradas 1.136 espécies de anfíbios no país. Destas, 1.093 são espécies de anuros (sapos, pererecas e rãs), 38 espécies de cecílias (“cobras-cegas”), e 5 espécies de salamandras.

Até o momento, nós registramos no município de Barras 27 espécies de sapos, rãs e pererecas. Nós sabemos que este número ainda é pequeno comparado ao número de espécies que ainda estão por serem descobertas principalmente em regiões de mata nas áreas interiores do município.

Nas próximas páginas nós apresentamos algumas dessas espécies com fotos nítidas e características simples com o objetivo de que você possa reconhecê-las.



Figura 3. Conhecido popularmente como “sapo-cururu” ou “sapo-boi”, este talvez seja o sapo mais conhecido pela população. *Rhinella jimi* pode ser comumente encontrado próximo de casas e ambientes urbanos, em geral. Isso porque ele se alimenta principalmente de insetos que ficam próximo das luzes das residências. Assim, além de não prejudicar ninguém, ele também ajuda a controlar algumas pragas como insetos. É uma espécie de sapo de grande porte e pode chegar até 15 centímetros.



Figura 4. Possui coloração de marrom a bege com manchas negras nas costas. Alguns indivíduos podem apresentar um linha clara dorsal. Possui duas glândulas de veneno bem evidentes, que situam-se atrás dos olhos (círculo branco), mas, ao contrário do imaginário popular, ele não consegue lançar o veneno. Mais informações sobre esta espécie, por favor, veja a seção “Mitos e Crenças”, página 95.



Figura 5. Esta é uma espécie de cururu de pequeno porte (*Rhinella granulosa*). Muito comum principalmente em dias de chuva, pode ser encontrado tanto dentro d'água quanto vocalizando no solo. O dorso é marrom com manchas irregulares mais escuras. As glândulas de veneno são pouco visíveis. O ventre é esbranquiçado ou creme com pontos negros. A região gular dos machos é amarela-esverdeada na época de reprodução. Espécie comum próximo as residências.



Figura 6. Esta é uma outra espécie de cururu de pequeno porte, chamada de *Rhinella mirandaribeiroi*, semelhante a *Rhinella granulosa*, mas possui uma coloração mais escura e apresentar uma linha clara dorsal que vai desde a ponta do focinho a parte posterior do corpo.



Figura 7. Detalhe da linha clara dorsal que vai desde a ponta do focinho a parte posterior do corpo.



Figura 8. Esta é uma espécie muito comum de perereca (*Dendropsophus minutus*). Vários indivíduos vocalizam ativamente durante a chuva, principalmente sobre a vegetação. Seu canto lembra um grito alto e agudo “ic, ic, ic, ic”. É uma perereca pequena de coloração amarelo-alaranjado, com várias marmoreações mais escura no dorso, características da espécie.



Figura 9. Conhecida como “pererequinha-do-brejo”, *Dendropsophus nanus* é muito comum e pode ser encontrada desde ambientes florestados a áreas abertas. Vocaliza intensamente na margem da vegetação de poças temporárias. Tem coloração dorsal amarelo-brilhante, mas ao contrário da espécie anterior tem o dorso liso (sem marmorizações), e é menor.



Figura 10. Espécie comum de pererequinha (*Dendropsophus minusculus*). Vocalizam em grandes quantidades durante a chuva. Tem esse nome por causa do seu tamanho diminuto ($\pm 2,5$ cm). Apresenta o dorso laranja / creme escuro, com ou sem marmoreações amareladas e alguns indivíduos podem apresentar duas faixas mais claras dorsolateralmente.



Figura 11. Esta é uma perereca (*Dendropsophus soaresi*) de difícil encontro no município. Vocaliza no alto de árvores e durante fortes chuvas. Possui o corpo marrom com muitas marmoreações dorsais escuras bem características da espécie.



Figura 12. Conhecida como “perereca-da-bananeira” (*Hypsiboas raniceps*), é encontrada principalmente em plantações de banana, mas também muito comum próximo as residências. Alcança um tamanho mediano, possui o dorso alaranjado, bege ou castanho-escuro (verde claro nos indivíduos juvenis, página 24). Possui a região dos flancos e parte interna das coxas bem marcada de preto e branco. Alguns indivíduos possuem uma linha escura que se estende do extremo do focinho à região mediana do dorso.



Figura 13. Note a variação de coloração de *Hypsiboas raniceps* ao longo da vida. Na foto acima um indivíduo jovem e abaixo à esquerda um sub adulto e à direita um adulto.



Figura 14. Uma das espécies mais bonitas que ocorrem na região, a pererequinha-verde (*Pithecopus gonzagai*) pode ser encontrada em poças d'água em áreas abertas, onde vocalizam na vegetação marginal (arbustos e árvores) e deposita seus ovos envoltos em folha pendente sobre a água. O dorso é verde uniforme e o ventre branco ou alaranjado. Os lados do corpo e a região interna dos braços, pernas, mãos e pés são laranja com barras verticais negras. A íris é prateada ou acinzentada.



Figura 15. Detalhe da coloração alaranjada com barras das partes internas das pernas e braços da pererequinha-verde (*Pithecopus gongazai*).



Figura 16. Esta é a famosa “perereca-de-banheiro” ou “raspa-cuia” (*Scinax ruber*), por conta da sua vocalização que lembra o raspar de uma colher em uma cuia. Os machos dessa espécie têm o dorso amarelo ou creme e o ventre amarelo a esbranquiçado. As fêmeas têm o dorso marrom a cinza e o ventre creme. Possui o dorso com poucas ou nenhuma mancha, região inguinal alaranjada. A íris é bronze a prateada. Vocaliza no solo ou na vegetação rasteira.



Figura 17. Também conhecida como “perereca-de-banheiro” ou “raspa-cuia”, *Scinax x-signatus* é semelhante a anterior. Diferencia-se de *Scinax ruber* por apresentar manchas dorsais bem definidas com um desenho que lembra um “X”.



Figura 18. *Sphaenorhynchus lacteus* é um sapinho verde claro, tem duas linhas mais claras que vão desde o focinho que é pontudo até atrás dos olhos, e uma prega branca na região posterior do corpo. Difere de todas as outras espécies que ocorrem na região. Vocaliza sobre folhas de plantas aquáticas em poças d'água. Até o momento, esta espécie só foi registrada no estado do Piauí no município de Barras.



Figura 19. Conhecida como “perereca-grudenta”, *Trachycephalus venulosus* é uma perereca de grande porte, possui coloração dorsal bastante variada, podendo apresentar cores de fundo do marrom-escuro ao marrom-esverdeado, com ou sem padrões de manchas irregulares de cor marrom-claro ao bege. O padrão dorsal pode apresentar duas manchas dorsolaterais largas e longas. Recebe esse nome porque produz uma secreção muito grudenta. Espécie comum próximo as residências.



Figura 20. Esta rã (*Leptodactylus fuscus*) também chamada de “caçote” ou “rã-piadeira”, “assobiadeira”, por causa do seu canto, é uma das espécies mais comuns no município, vocalizando ativamente no início das chuvas. O dorso é marrom-alaranjado, com barras transversais marrom-escuras entre duas pregas dorsolaterais. Uma faixa negra vai desde as narinas, passando pelos olhos, estendendo-se ao longo de uma prega sobre o tímpano, após o qual dobra em direção à base do braço. Pode apresentar uma faixa longitudinal bege no dorso.



Figura 21. Espécie (*Leptodactylus macrosternum*) conhecida como “rã-manteiga” ou “caçote” é uma das espécies mais abundantes sendo encontrado em todos os ambientes tanto no solo quanto vocalizando dentro d’água. São rãs de porte médio a grande. Possuem uma coloração dorsal marrom escuro, ventre branco, flancos verdes, corpo cheio de desenhos em forma de círculos (“ocelos”), e duas linhas bege mais claras no dorso.



Figura 22. Durante a época reprodutiva os machos desta espécie ficam com os braços maiores (mais volumosos – como na foto acima) para brigar por território e pelas fêmeas.



Figura 23. Também chamada de “caçote”, “rã-piadeira” ou “assobiadeira”, esta espécie de rã (*Leptodactylus troglodytes*) pode ser encontrado no solo vocalizando durante ou logo após chuva intensa. Possui colorido cinza claro, creme ou marrom com manchas dorsais escuras, e ainda pequenas pontuações vermelhas.



Figura 24. *Leptodactylus pustulatus* é uma espécie de rã encontrada no meio da vegetação rasteira aquática, sendo dificilmente visualizada. Difere de todas as outras espécies de rã por possui a região ventral com pequenos pontos brancos e amarelados e dorso marrom escuro ou cinza.



Figura 25. Muito conhecida como “rã-pimenta”, ou “jia”, *Leptodactylus vastus* é uma espécie de rã de grande porte podendo chegar até 20 cm. Tem esse nome por causa da sua cor avermelhada e do veneno da sua pele que em contato com a mucosa ou algum ferimento pode causar uma ardência, mas nada grave. Pode ser encontrada dentro de buracos no solo ou dentro d’água. Espécie comum próximo a ambientes domiciliares. É considerada a maior espécie de anfíbio anuro do Brasil.



Figura 26. Alguns indivíduos podem apresentar o dorso de castanho avermelhado, cinza, vermelho ou totalmente negro, com 5 ou 6 manchas transversais marrom-escuras entre as duas pregas dorsolaterais. O ventre e a parte inferior das pernas e braços têm manchas brancas sobre fundo acinzentado.



Figura 27. Conhecido como “rã-cachorro” *Physalaemus cuvieri* recebe esse nome por causa do seu canto que lembra um cachorro latindo. Podem ser encontrados vocalizando intensamente nas margens das poças temporárias com parte do corpo dentro d’água e parte sobre o solo, bem como várias desovas (ninhos de espuma). Possui coloração bastante variável, mas sempre possuindo a região posterior das coxas e região inguinal avermelhada.



Figura 28. A pequena rã *Pleurodema diplolister* pode ser encontrada tanto no solo quanto vocalizando as margens das poças temporárias sempre após uma chuva. Está associado a ambientes arenosos. Possui coloração bege claro com pequenas manchas irregulares no dorso, partes internas dos braços e coxas amareladas.



Figura 29. *Pseudopaludicola mystacalis* é uma espécie de rã de pequeno porte, e uma das mais abundante da região. Vocaliza ativamente nas margens rasas das poças temporárias desde o final da tarde até a noite, ou mesmo durante o dia. Possui coloração de marrom escuro a amarelado. Alguns indivíduos apresentando uma linha clara longitudinal no dorso. Sua vocalização lembra um “piquipiquipiqui...”



Figura 30. Conhecido popularmente como “sapo-boi” por causa da sua vocalização que lembra o berro de um boi, *Proceratophrys cristiceps* é uma espécie de sapo de pequeno porte. Apresenta de cor dorsal marmorizado com vários tons de marrom à avermelhados em um fundo creme. Uma linha creme mais clara liga os dois olhos, e no meio do dorso tem um desenho longitudinal em forma de lança.



Figura 31. Também chamado de “sapo-gota” ou “gotinha”, *Elachistocleis piauiensis* tem a forma de uma gota com o seu focinho pontudo adaptado para escavar, vive enterrado no solo na maior parte do tempo, mas pode ser facilmente encontrada em poças temporárias da região ou no solo nos períodos de chuvas mais intensas. Vocaliza intensamente encoberto pela vegetação rasteira marginal de poças temporárias. Possui colorido escuro com porção ventral branca. Alguns indivíduos podem apresentam manchas amareladas na porção posterior das coxas e região inguinal.



Figura 32. Detalhe do tamanho de *Elachistocleis piauiensis*.

Répteis

Os répteis é o grupo de animal que compreende, no Brasil, os lagartos, as cobras, os jacarés, as tartarugas (sejam elas marinhas, de rios e riachos – também chamadas de cágados, e as terrestres – chamadas de jabutis), e as anfisbenas (também chamadas de cobras-cegas ou cobra-de-duas-cabeças, mas que ao contrário das gimnofionas – que são anfíbios e possuem pele lisa e úmida, as anfisbenas possuem a pele seca com escamas).

No geral, os répteis são ectotérmicos, ou seja, não possuem temperatura corporal constante, por isso precisam ficar expostos ao sol para regular a temperatura do corpo, como vemos frequentemente os lagartos fazendo. A maioria dos répteis é carnívora, mas algumas são herbívoras (se alimentando principalmente de plantas) ou onívoras (comem de tudo).

O Brasil é o terceiro país com o maior número de espécies de répteis no mundo, atrás apenas do México e da Austrália. São registradas 795 espécies de répteis no país. Destas, 405 são espécies de cobras, 276 espécies de lagartos, 72 espécies de anfisbenas, 36 espécies de quelônios (tartarugas, cágados e jabutis) e 6 crocodilianos (jacarés).

Até o momento, nós registramos no município de Barras 25 espécies de répteis, sendo 11 cobras, 10 lagartos, 1 anfisbena, 2 cágados, e 1 jacaré. Nós sabemos que este número ainda é pequeno comparado ao número de espécies que ainda estão por serem descobertas principalmente em regiões de mata nas áreas interiores do município.

Nas próximas páginas nós apresentamos algumas dessas espécies com fotos nítidas e características simples com o objetivo de que você possa reconhecê-las.

Lagartos

Os lagartos são répteis que apresentam corpo coberto por escamas, 4 membros (apesar que também existem lagartos sem patas – chamados de ápodas) e cauda. Nenhuma espécie de lagarto no Brasil é venenosa, e além de não nos causarem nenhum prejuízo, a maioria das espécies de lagartos se alimenta de insetos e aranhas fazendo o controle biológico destes animais nas áreas urbanas.



Figura 33. Conhecida como “lagartixa”, “bibra-de-casa”, *Hemidactylus mabouia* é uma espécie de lagarto noturna que alimenta-se de insetos e aranhas.



Figura 34. Conhecida como “bibrinha-de-pau”, *Lygodactylus klugei* é uma espécie pequena que alcança 5,0 cm de comprimento total e vive sempre nos troncos de árvores. É diurna e alimenta-se de insetos. Os lagartos, em geral, costumam soltar a cauda (como na foto) para escapar dos predadores, posteriormente esta se regenera.



Figura 35. Conhecido como “lagartixa-da-mata”, *Gonatodes humeralis* é uma espécie de lagarto de pequeno porte, sendo encontrado, principalmente, em áreas florestais. Apresenta coloração predominantemente cinza, com inúmeras manchas amarelas e vermelhas de formas variadas na cabeça, região lateral da cabeça e gular amarelada. Vive sobre troncos. Alimenta-se de insetos e cupins.



Figura 36. Conhecido popularmente como “camaleão”, a *Iguana iguana* pode medir até 1,80 m. Possui uma coloração mais escura quando adultos usualmente com 5-6 faixas transversais mais escuras no corpo e uma série de faixas semelhantes na cauda, e indivíduos mais jovens são verdes em tons mais claros. Possui uma escama grande e redonda situada sob a abertura do tímpano. Podem ser encontrados tanto em árvores, frequentemente sobre água, como sobre o chão termorregulando.



Figura 37. Detalhe da cabeça de um camaleão, *Iguana iguana*. Note a escama branca e redonda situada abaixo do tímpano, e a prega gular, característica da espécie.



Figura 38. *Gymnodactylus geckoides* é uma pequena espécie de lagarto que pode alcançar 4,0 cm de comprimento total. É noturno e alimenta-se de insetos. É conhecido como “bibra-do-folhíço”. Apresentam região nugal avermelhada. Comum apenas em região de mata, onde vive na serapilheira.



Figura 39. *Phyllopezus pollicaris* é uma espécie de lagarto conhecido como “bibra-grande”. Alguns indivíduos machos podem atingir até 25 cm de comprimento total. É noturno e alimenta-se de insetos e aranhas. Possui colorido de fundo cinza claro a berge.



Figura 40. Conhecido como “papa-vento”, “camaleão”, e “calango-cego”, *Polychrus acutirostris* é uma espécie de lagarto comum em áreas mais secas, vive sobre árvores e arbustos, geralmente sobre a água, onde caça insetos durante o dia. Apesar da crença popular – de que esta espécie é venenosa, ela não causa nenhum mal às pessoas.



Figura 41. Conhecida como “calago-liso”, “bribeira” e “cobra-de-vidro” – embora não seja uma cobra e sim um lagarto (*Brasiliscincus heathi*). Segundo o ditado popular, esta espécie perde as patas ao longo da vida – o que não é verdade. O que acontece é que o crescimento do corpo é mais rápido do que dos membros (patas). É uma espécie pequena que atinge 12 cm de comprimento total. Possui uma linha branca, de cada lado do corpo, que nasce na cabeça e atravessa todo flanco até a cauda. É diurna e alimenta-se de insetos.



Figura 42. Conhecido popularmente como “bico-doce”, “tijubina”, “calango-verde”, *Ameiva ameiva* é um lagarto que pode chegar até 60 cm de comprimento total. O colorido é quase inteiramente verde, com desenhos azuis nos flancos e na base da cauda. Comum próximo às residências. O juvenil desta espécie assemelha-se a *Ameivula ocellifera*.



Figura 43. Conhecido como “calanguinho”, “calango-pequeno”, “tijubina”, *Ameivula ocellifera* é uma espécie pequena que pode alcançar 20 cm de comprimento total. O colorido de fundo é verde, com linhas longitudinais pontilhadas e intercaladas de tons claros seguindo pelo dorso e cauda, ventre é claro. É diurna, terrestre e alimenta de insetos.



Figura 44. Popularmente conhecido como “carambolo”, “calango-de-parede”, “labigó”, *Tropidurus hispidus* é a maior espécie do gênero, podendo alcançar 32 cm de comprimento total. Possui colorido de fundo cinza claro ou muito escuro. Os machos apresentam manchas negras nas porções ventrais das coxas e aba anal. Vivem próximos de residências. Alimentam-se principalmente de insetos e formigas.



Figura 45. Conhecido como “teiú”, “tejo”, “tiú”. *Salvator merianae* é considerado o maior lagarto do Brasil e pode atingir 1,4 m de comprimento total. O adulto possui coloração negra com manchas transversais brancas, principalmente na cauda, e os filhotes nascem com cor esverdeada no dorso na parte da cabeça. Espécie omnívora (come de tudo), mas principalmente de carniça e ovos.



Figura 46. Outra espécie também conhecida como “teiú”, “tejo”, e “tiú”, *Tupinambis teguixin* é uma espécie um pouco menor do que a anterior, pode atingir até 40 cm, e não apresenta listras transversais preto e branco. Vive, principalmente, em áreas mais úmidas como florestas, bordas de matas-de-galeria, próximas a corpos d'água, daí seu nome popular - “tejo d'água”. Esta espécie foi registrada pela primeira vez no estado do Piauí em 2014 no município de Barras.

Cobras

As serpentes (= cobras), assim como os lagartos e anfisbenas, pertencem à ordem Squamata. São animais rastejantes que não possuem patas e a pele é coberta por escamas. São carnívoras, alimentam-se desde ovos até outras cobras. Habitam uma infinidade de locais (subsolo, solo, árvores, água).

Das mais de 400 espécies de cobras que ocorrem no Brasil, apenas 4 “grupos” (jararacas, cascavéis, corais-verdadeiras e a surucucu-pico-de-jaca) realmente causam acidentes com humanos, e a maior parte destes acidentes são ocasionados apenas pelas jararacas. Existem ainda duas espécies (a cobra-verde *Philodryas olfersii*, página 75, e a corre-campo *Philodryas nattereri*, página 80) que produzem veneno e podem causar acidentes graves em humanos.

Assim, a maioria das espécies, além de não representar nenhum perigo para nós, ainda desempenham importantes papéis no equilíbrio da natureza, controlando populações de pragas, como roedores e mesmo de outras cobras.

Aqui, nós incluímos, em vermelho, no final de cada descrição aquelas cobras que são e que não são peçonhentas. Lembrando que **a recomendação é não manusear nenhuma espécie de cobra mesmo que ela não seja peçonhenta.**



Figura 47. Conhecida popularmente como “jibóia”, “cobra-de-veado”, *Boa constrictor* é uma serpente de grande porte, variando de 1,0 a 4,0 m, e matam suas presas por constrição, ou seja, interrompendo o fluxo sanguíneo (e não sufocando ou quebrando os ossos das presas como afirma o senso comum). São crepusculares (ativas no amanhecer e anoitecer) e terrestres, alimentam-se principalmente de roedores, aves e até pequenos primatas. Espécie importante no controle de pragas, como os ratos. **Não é peçonhenta.**



Figura 48. Conhecida popularmente como “salamanta”, “jibóia-vermelha”, *Epicrates assisi* é uma espécie de cobra que pode atingir até 1.80 m, possui o dorso pardo-avermelhado com manchas negras e ventre amarelado. Alimentam-se de pequenos roedores, lagartos e aves. Também é chamada de “cobra-arco-íris” por causa da sua pele capaz de refletir as cores do arco-íris quando exposta a raios solares. Não é peçonhenta.



Figura 49. Detalhe do reflexo das escamas da *Epicrates assisi* quando exposta ao sol.



Figura 50. Conhecida como “sucuri”, “sucuri-preta”, “sucuri-verde”, “anaconda”, *Eunectes murinus* é a maior serpente do Brasil. Possui um colorido característico que varia da verde oliva a preta, com pares de ocelos escuros em cada lado do dorso, e o ventre é amarelo, com manchas muito irregulares. Vivem perto de córregos, rios e lagos. Alimenta-se de peixes, rãs, lagartos, jacarés, aves e roedores. **Não é peçonhenta.** Mais informações sobre este espécie, por favor, veja a seção “Mitos e Crenças”, página 95).



Figura 51. Conhecida popularmente como “caninana”, *Spilotes pullatus* pode atingir cerca de 2,5 metros de comprimento. Apesar da fama de ser uma cobra brava, a caninana está longe de ser perigosa. Ela pode até morder, mas **não é peçonhenta**. Alimenta-se principalmente de roedores e pequenas cobras.



Figura 52. Conhecida popularmente como “cobra-cipó”, *Leptophis ahaetulla* possui coloração de fundo azulada e 3 faixas (1 vertebral e 1 em cada flanco) longitudinais douradas. É uma serpente diurna, que frequenta principalmente vegetação baixa. Alimenta-se de pequenos anfíbios. Quando perturbada costuma abrir a boca para intimidar. **Não é peçonhenta.**



Figura 53. Conhecida popularmente como “cobra-cipó”, ou “cobra-bicuda”, *Oxybelis aeneus* é uma serpente arborícola, de coloração amarronzada, longa (pode atingir até 2 m) e fina, semelhante a um galho seco, o que justifica o seu nome popular. Se alimenta de lagartos, sapos e pássaros. Quando perturbada costuma abrir a boca – que é grande e tem fundo preto – o que acarretou o surgimento de alguns mitos sobre esta cobra. Para mais informações, por favor, veja a seção “Mitos e Crenças”, página 95. **Não é peçonhenta.**



Figura 54. Conhecida popularmente como “mata-boi”, “boipeva”, *Erythrolamprus poecilogyrus* é uma espécie de cobra inofensiva para as pessoas e para o gado (por favor, veja página 95, sobre “Mitos e Crenças”). São serpentes predominantemente diurnas, de hábito terrestre, e que se alimentam de anfíbios e lagartos. Possui variação morfológica com os indivíduos juvenis apresentando coloração verde com dorso da cabeça castanho e faixas dorsais transversais, as ventrais são claras com pequenas manchas. **Não é peçonhenta.**



Figura 55. Padrão de coloração marrom de *Erythrolamprus poecilogyrus*. Note o comportamento de defesa de elevar a cauda para distrair o predador e fugir.



Figura 56. Conhecida como “jararaquinha”, ou “dormideira”, *Leptodeira annulata* é uma espécie de cobra de médio porte, possui hábitos semi-arbóreos, é noturna e se alimenta principalmente de sapos. Não é peçonhenta.



Figura 57. Uma das espécies mais abundantes na região, *Erythrolamprus viridis* também conhecida popularmente como “cobra-verde”, “cobra-cipó”, são serpentes predominantemente diurnas, de hábito terrestre, e se alimentam de anfíbios. Possuem escamas laterais e, principalmente, região gular amarelada, ventre branco. Indivíduos jovens podem ter manchas pretas transversais em todo o dorso. **Não é peçonhenta.**



Figura 58. Espécie semelhante a *Erythrolamprus viridis*. Também conhecida como “cobra-verde” ou “cobra-cipó”. Entretanto, *Philodryas olfersii* é bem maior, de coloração verde mais escuro, ventre verde claro, e cabeça mais robusta. Tem hábito arborícola. Alguns indivíduos têm as escamas da cabeça marrom, com ou sem uma lista dorsal que pode se estender até o final do corpo, e uma macha preta pós-ocular (página 76). Alimenta-se de pequenos mamíferos, aves, anfíbios e lagartos. **Espécie peçonhenta.**



Figura 59. Detalhe da coloração de *Philodryas olfersii* com a cabeça marrom, a lista dorsal que se estender até o final do corpo, e a macha preta pós-ocular (seta).



Figura 60. Conhecida popularmente como “falsa-coral”, *Oxyrhopus trigeminus* pode ser encontrada principalmente em áreas abertas com vegetação baixa. Comum próximo a residências. É uma espécie de porte médio que pode ser encontrada ativa tanto de dia quanto de noite. Alimenta-se principalmente de lagartos, e mamíferos (roedores). Não é peçonhenta.



Figura 61. Esta espécie difere claramente da única cobra-coral verdadeira da região. A “falsa-coral” *Oxyrhopus trigeminus* tem a cabeça pontuda, focinho preto, cauda fina, e os anéis não completos (o ventre é branco). Já a “coral-verdadeira” *Micrurus ibiboboca* (página 83) tem a cabeça arredondada, focinho branco, cauda curta, e os anéis são completos em todo o corpo, mas -> veja informação na outra página.

Atenção: Isto não é uma regra para diferenciar cobras-corais verdadeiras e falsas – existem outras espécies de cobras com estas mesmas características (padrão coral, cabeça arredondada, cauda curta e anéis completos), mas que **não são peçonhentas**, como por exemplo, a falsa-coral *Erythrolamprus aesculapii*. **A recomendação é não manusear nenhuma espécie de cobra.**



Figura 62. *Micrurus ibiboboca* é a espécie de “coral-verdadeira”, de hábito diurno e crepuscular. É ofiófaga, ou seja, se alimenta de outras cobras, sendo, portanto, uma importante controladora de outras populações de cobras. Espécie endêmica da caatinga, ou seja, esta espécie só ocorre aqui. Vive sobre o folhço e/ou serrapilheira. **Espécie peçonhenta.**



Figura 63. Conhecida popularmente como “correadeira” e “corre-campo”, *Philodryas nattereri* é uma espécie muito comum na região. Tem coloração marrom característica. Espécie de habito alimentar generalista, alimentando-se de pássaros, mamíferos, lagartos, anfíbios, e até outras serpentes, sendo portanto, importante controlador de outros grupos. **Espécie peçonhenta.**



Figura 64. Conhecida como “cobra-preta”, ou “muçurana”, *Pseudoboa nigra* é uma espécie terrestre, possui hábitos crepuscular e noturno. Espécie de tamanho médio, chegando até 1,20 m. Possui coloração negro no adulto com ou sem manchas brancas em todo o corpo, e o jovem com a cor vermelho-claro e a cabeça branca e preta. Alimenta-se de pequenos roedores, anfíbios e predominantemente de lagartos. A lenda da “cobra que mama” refere-se a esta espécie. Para mais informações, por favor, veja a seção “Mitos e Crenças”, página 95. **Não é peçonhenta.**



Figura 65. Conhecida como “jararaquinha”, *Thamnodynastes hypoconia* ocorre em locais úmidos, próximos a corpos d'água. Tem hábitos semi-arborícolas, é noturna e se alimenta de sapos e lagartos. Não é peçonhenta.



Figura 66. A cascavel (*Crotalus durissus*) é uma das cobras mais conhecidas pela população. Apresenta coloração de fundo castanho, com losangos verticais escuros, marginados de cores claras. A parte dorsal da cauda é escura com barras transversais da mesma tonalidade. O ventre é mais claro. Pode atingir até 1,5 m de comprimento. Possui hábitos noturnos e crepusculares. Alimenta-se de mamíferos (ratos, por exemplo), aves e lagartos. **Espécie peçonhenta.**

O guizo da cascavel é sem dúvidas uma das principais características desta espécie. Mas, ao contrário do imaginário popular, o número de guizos não significa a idade da cobra, e sim a quantidade de vezes que ela fez a muda de pele (necessária para o seu crescimento). Quando este guizo está muito grande é comum ele cair sozinho. Assim, é possível encontrar uma cascavel sem guizo nenhum. O guizo também funciona como um alerta contra eventuais predadores. Além disso, **o guizo não traz sorte, dinheiro, ou qualquer outro tipo de coisa que você tenha ouvido nas crenças.** Assim, nada justifica matar essas cobras para retirar o seu guizo.

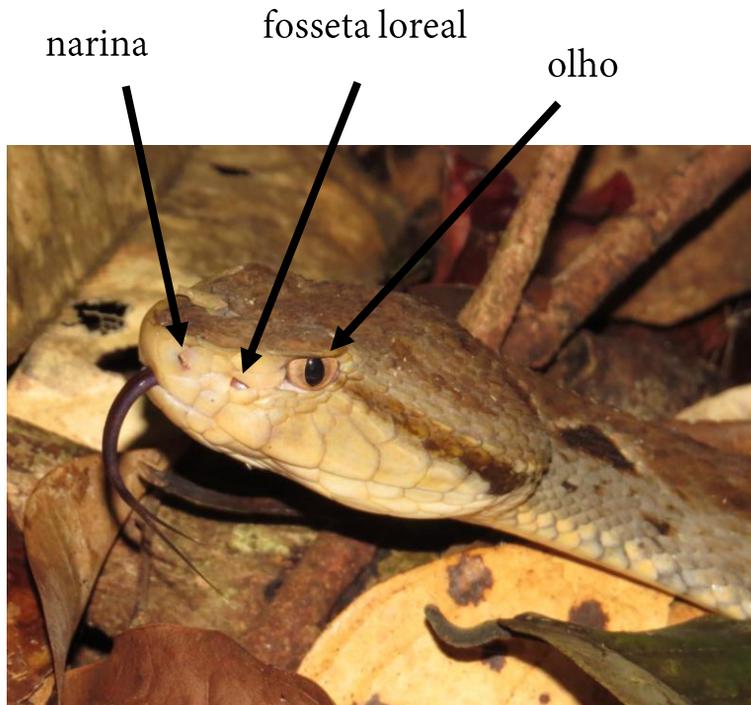
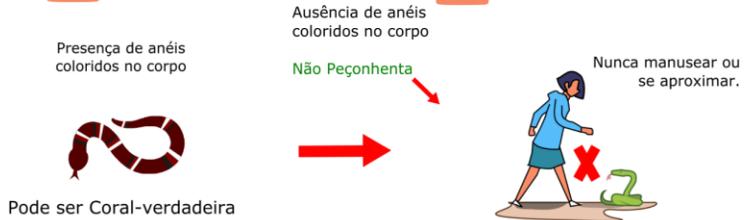
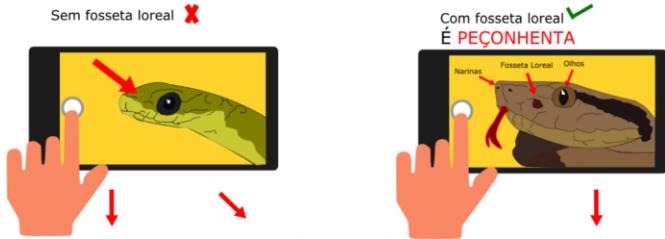


Figura 67. Localização da fosseta loreal.

Em algumas regiões, as jararacas e cascavéis são também chamadas popularmente de “cobras-de-quatro-ventas”. Esse nome refere-se aos orifícios que existem entre o olho e a narina chamados de fosseta loreal (foto acima). As fossetas loreais estão presentes em todas as serpentes peçonhentas (exceto nas corais) e servem para captar o calor das suas presas.

O que fazer ao encontrar um cobra?



Pode ser Coral-verdadeira



Rodo

Balde

Fita adesiva

Levante o balde com o rodo, tomando cuidado para não derrubá-lo.

Com cuidado, tampe o balde.



Anfisbenas

(cobras-de-duas-cabeças)

As anfisbenas (ou anfisbenídeos) são répteis de corpo cilíndrico e alongado, e com cauda curta e arredondada. Como suas duas extremidades são semelhantes, e seus olhos reduzidos ou ausentes, estes animais são conhecidos popularmente como “cobra-de-duas-cabeças” e “cobras-cegas”. Mas **não são cobras. E não possuem veneno.** As anfisbenas se alimentam de minhocas, vermes, larvas e pequenos artrópodes. Até o momento, apenas uma espécie de anfisbena foi encontrada em Barras.



Figura 68. Conhecida como “cobra-cega”, “cobra-de-duas-cabeças”, “minhocão”, *Amphisbaena vermicularis* é um anfisbenídeo que atinge até 35 cm, é fossorial, ou seja, vive grande parte da vida enterrado no solo. Alimenta-se de insetos, larvas e minhocas.

Quelônios (cágados)

Os quelônios, ou testudines, são répteis cujos representantes são as tartarugas marinhas – com nadadeiras em vez de patas, os cágados – que vivem na água doce (rios, riachos, e lagoas), e os jabutis – que são terrestres. Em Barras, nós encontramos apenas os quelônios de água doce. Até o momento, registramos duas espécies de cágados.



Figura 69. *Phrynops geoffroanus* é uma espécie de “cágado d’água” de grande porte que pode atingir 70 cm de carapaça. Possui o colorido da carapaça inteiramente cinza, com uma faixa escura de cada lado da cabeça esverdeada. Exibe dois barbilhões pequenos no queixo, por isso também é chamado de “cágado-de-barbicha”. Alimenta-se de peixes, rãs, girinos larvas e frutas.



Figura 70. *Mesoclemmys tuberculata*, também chamado de “cágado-do-nordeste”, ou “cágado-caramujeiro”, é uma espécie de tamanho médio que pode atingir 30 cm de carapaça. A cor da carapaça pode variar de marrom claro a marrom escuro ou pode ser totalmente preta. O pescoço é coberto por tubérculos cônicos, daí o nome da espécie – *tuberculata*.



Figura 71. Detalhe do pescoço de *Mesoclemmys tuberculata*. Note os vários tubérculos cônicos – o que dá o nome da espécie.

Crocodilianos (jacarés)

Os crocodilianos são os répteis da ordem Crocrodilia que, no Brasil, nós chamamos popularmente de jacarés. As diferentes espécies utilizam vários tipos de habitats aquáticos, como rios, riachos, pântanos, lagoas, lagos, e mangues. Os crocodilianos são carnívoros. Alimentam-se principalmente de peixes, caranguejos, pequenos mamíferos e aves.



Figura 72. Conhecido popularmente como “jacaré-preto”, “jacaré-anão”, “jacaré-paguá”, “jacaré-coroa”, *Paleosuchus palpebrosus* raramente atinge 1,5 m de comprimento total, sendo considerada uma das menores espécies de crocodilianos do mundo. Alimenta-se de caramujos, peixes e rãs. Apresenta uma coroa de cristas protuberantes no final da cabeça, o que deu origem ao seu nome popular “jacaré-coroa”.

Mitos e Crenças

Nesta seção nós desmitificamos alguns mitos e crenças afim de evitar comportamentos errados, matança indiscriminada e apontar os fatos por trás destes mitos e crenças. Aqui, apresentamos apenas as mais comuns na região (a lista é extensa).

Tocar em sapo dá verruga – muitos sapos, especialmente os chamados popularmente de “cururus”, apresentam a pele bastante rugosa que parecem verrugas, mas trata-se apenas de glândulas da pele. A verruga, na verdade, é causada por um vírus específico dos humanos. Portanto, tocar em sapo não dá verruga.

Urina de sapo cega – apesar dos sapos, de fato, urinarem como medida de auto-defesa, o líquido em si não contém nenhuma substância tóxica.

Jogar sal em sapo – além de causar a morte dos sapos, esta pratica causa uma morte lenta e dolorosa aos animais. Isso ->

porque a maior parte da respiração dos sapos é através da pele. Por isso, no geral, a pele dos sapos está sempre úmida para facilitar a troca de gases e realizar a respiração. Então, quando alguém joga sal em um sapo, não só está desidratando-o como também entupindo os poros na pele por onde o animal respira. Portanto, não cause esta dor nos sapos.

Cobra que mama – a lenda diz que quando a mulher está amamentando, principalmente durante a noite, a cobra-preta se aproxima e sutilmente toma o lugar da criança junto aos seios da mulher enquanto mantém a ponta de sua cauda na boca da criança para que esta não chore. Entretanto, as cobras não possuem nenhum mecanismo na boca de sucção e também não conseguem digerir o leite (não produzem a enzima que digere o leite – a lactase). O que acontece que é esta espécie de cobra (*Pseudoboa nigra*, página 80) muda de cor ao longo da vida e alguns indivíduos apresentam uma coloração branca ou manchas brancas em todo o corpo. Portanto, a cobra preta não mama.

Cobra que espera – diz a lenda que se você tentar matar um cobra e não conseguir ela vai ficar te esperando, fazendo uma tocaia pra te picar. Isto não é verdade. O que acontece é que algumas cobras (por exemplo, *Crotalus durissus*, página 84) caçam suas presas (pequenos roedores, por exemplo) através do método de senta-e-espera, onde elas esperam a sua presa e não as pessoas que a tentaram matar.

Salamanta é venenosa – a espécie em questão (*Epicrates assisi*, página 64) é uma serpente da família Boidae, a mesma da jibóia e da sucuri, não possuem dentes inoculadores de veneno. Portanto, a salamanta não é uma cobra venenosa.

Cobra mata boi – este mito acompanha principalmente duas pequenas cobras chamadas popularmente de “boipeva” (*Xenodon merremi* e *Erythrolamprus poecilogyrus*, página 72). Entretanto, estas duas espécies não são peçonhentas. São inofensivas para as pessoas e para o gado.

Pessoa picada por “cobra-cipó” – irá morrer seco igual a cobra. Conhecida

popularmente como “cobra-cipó”, “cobra-bicuda”, a espécie *Oxybelis aeneus* (página 70) quando perturbada costuma abrir a boca – que é grande e tem fundo preto. Na verdade, esta crença não tem fundamento. Esta espécie não é peçonhenta e a cor preta da boca e seu comportamento é apenas para intimidar seus predadores.

Sucuri engole pessoa – talvez este seja um dos mitos mais difundidos no imaginário popular. Apesar da sucuri (*Eunectes murinus*, página 66) atingir grande tamanho, ela não consegue engolir uma pessoa. A maioria das cobras não enxerga muito bem. Na verdade, o que acontece é que algumas vezes as cobras atacam um humano como forma de defesa ou por confundi-lo com uma presa (por conta do cheiro ou proximidade com a água). Geralmente, evitam contato com humanos e, quando se sentem ameaçadas, o que pode acontecer é dar botes para manter o agressor longe e proteger a própria cabeça enrolando o seu corpo em volta. Portanto, nós, humanos, não somos presas, em potencial, para as serpentes.

Agradecimentos

Os autores agradecem imensamente a Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI (Editor chefe e toda comissão editorial) pelo apoio e publicação deste livro.

Ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), pela licença de coleta (SISBIO/3097-1); a Cyro Luna Dias pela confecção do mapa; a Matheus Pereira dos Santos pela confecção do esquema da página 86; a Osmália Pereira Lira pelo prefácio do livro; e a Ana Lúcia Lages por permitir algumas coletas na Fazenda Betânia, no município de Barras; e a todas as instituições parceiras: UFPI, URCA, e UFC.

Ronildo Alves Benício agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Processo 155556/2018-5; 151124/2020-5), pelo suporte financeiro.

Nosso muito obrigado a todos!

Referências

AmphibiaWeb (2021) Disponível em:
<https://amphibiaweb.org>

Andrade FS, Haga IA, Ferreira JS, Recco-Pimentel SM, Toledo LF, Bruschi DP (2020) A new cryptic species of *Pithecopus* (Anura, Phyllomedusidae) in north-eastern Brazil. *European Journal of Taxonomy* 723: 108-134.

Andrade ED, Leite JRSA, Andrade GV (2014) Anurans from the municipality of Ilha Grande, Parnaíba River Delta, Piauí, northeastern Brazil. *Herpetology Notes* 7: 219-226.

Benício RA, Carvalho LS, Fonseca MG (2019) Venomous Animals of State of Piauí : Epidemiology of Accidents and List of Medical Importance Species. *Revista Brasileira de Zootecias* 20: 1-14.

Benício RA, Mesquita PCMD, Cavalcante VHGL, Fonseca MG (2015) Répteis de uma região de ecótono no estado do Piauí, Nordeste do Brasil. *Gaia Scientia* 9: 95-100.

Benício RA, Silva GR, Fonseca MG (2015) Anurans from a Caatinga area in state of Piauí, northeastern Brazil. *Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão* 37: 207-217.

Benício RA, Fonseca MG (2014) *Tupinambis teguixin* Linnaeus, 1758 (Squamata: Teiidae). First record for the state of Piauí, northeastern Brazil. *Cuadernos de Herpetología* 28: 45-46.

Benício RA, Fonseca MG (2014) Guia ilustrado de anfíbios e répteis de Picos, Piauí. EDUFPI, Teresina, 125 p.

Benício RA, Silva GR, Fonseca MG (2014) Comunidade de anuros em uma área de ecótono no nordeste do Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Ciências Naturais* 9: 383-415.

Benício RA, Silva GR, Fonseca MG (2012) *Physalaemus cicada* Bokermann, 1966 (Anura: Leiuperidae): distribution extension. Check List 8: 630-631.

Benício RA, Silva GR, Fonseca MG (2011) Amphibia, Anura, Hylidae, *Sphaenorhynchus lacteus* (Daudin, 1800): first record of the genus and species for the state of Piauí, Brazil. Check List 7: 196-197.

Cavalcanti LBQ, Costa TB, Colli GR, Costa GC, França FGR, Mesquita DO, Palmeira CNS, Pelegrín N, Soares AHB, Tucker D, Garda AA (2014) Herpetofauna of protected areas in the Caatinga II: Serra da Capivara National Park. Check List 10: 18-27.

Costa HC, Bérnils RS (2018) Répteis do Brasil e suas Unidades Federativas. Lista de espécies. Herpetologia Brasileira 7: 11-57.

Dal Vechio F, Teixeira Jr. M, Recoder RS, Rodrigues MT, Zaher H (2016) The herpetofauna of Parque Nacional da Serra das Confusões, state of Piauí, Brazil, with a regional species list from an ecotonal area of Cerrado and Caatinga. *Biota Neotropica* 16: e20150105.

Dal Vechio F, Recoder R, Rodrigues MT, Zaher H (2013) The herpetofauna of the Estação Ecológica de Uruçuí-Una, state of Piauí, Brazil. *Papéis Avulsos de Zoologia* 53: 225-243.

Frost DR (2021) Amphibian species of the world. Disponível em: <http://research.amnh.org/vz/herpetology/amphibia/>

Guedes TB, Sawaya RJ, Nogueira CC (2014) Biogeography, vicariance and conservation of snakes of the neglected and endangered Caatinga region, northeastern Brazil. *Journal of Biogeography* 41: 919-931.

Guedes TB, Nogueira CC, Marques OAV (2014) Diversity, natural history, and geographic distribution of snakes in the Caatinga, Northeastern Brazil. *Zootaxa* 3863: 001-093.

Guzzi A (2012) Biodiversidade do Delta do Parnaíba: litoral piauiense. EDUFPI, Parnaíba, 466 p.

Leal IR, Tabarelli M, Da Silva JMC (2003) Ecologia e conservação da Caatinga. Editora Universitária UFPE, Recife, 822 p.

Loebmann D, Mai ACG (2008) Amphibia, Anura, coastal zone, state of Piauí, northeastern Brazil. *Check List* 4: 161-170.

Madella–Auricchio CR, Auricchio P, Soares ES (2017) Reptile species composition in the Middle Gurguéia and comparison with inventories in the eastern Parnaíba River Basin, State of Piauí, Brazil. *Papéis Avulsos de Zoologia* 57: 375-386.

Mai ACG, Loebmann D (2010) Guia Ilustrado: Biodiversidade do Litoral do Piauí. Gráfica e Editora Paratodos, Sorocaba, 272 p.

Rocha WA, Prudente ALC (2010) The snake assemblage of Parque Nacional de Sete Cidades, State of Piauí, Brazil. South American Journal of Herpetology 5: 132-142.

Rocha WA, Santos MPD (2004) Análise Ecológica da Ofidiofauna da Área do Nazareth Eco Resort, município de José de Freitas, Piauí. Publicações Avulsas em Ciências Ambientais 11: 1-12.

Rodrigues FS, Prudente ALC (2011) The snake assemblage (Squamata: Serpentes) of a Cerrado–Caatinga transition area in Castelo do Piauí, state of Piauí, Brazil. Zoologia 28: 440-448.

Roberto IJ, Ribeiro SC, Loebmann D (2013) Amphibians of the state of Piauí, Northeastern Brazil: a preliminary assessment. *Biota Neotropica* 13: 322-330.

Santos MCO, Lima MSCS, Pederassi J (2017) Diversidade de Anfíbios Anuros em dois municípios do Piauí. *Revista Nordestina de Zoologia* 11: 6-10.

Santos MCO, Lima MSCS, Pederassi J (2016) Composição e distribuição de anfíbios anuros em um município do Sul do Piauí. *Revista Nordestina de Zoologia* 10: 1-6.

Segalla MV, Caramaschi U, Cruz CAG, Garcia PCA, Grant T, Haddad CFB, Santana DJ, Toledo LF, Langone JA (2019) Brazilian Amphibians: List of Species. *Herpetologia Brasileira* 8: 65-96.

Silva MB, Carvalho LS, Rodrigues V (2015) Reptiles in an ecotonal area in northern state of Piauí, Brazil. *Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão* 37: 437-455.

Silva GR, Santos CL, Alves MR, Souza SDV, Annunziata BB (2007) Anfíbios das dunas litorâneas do extremo norte do Estado do Piauí, Brasil. *Sitientibus* 7: 334-340.

Silva JMC, Tabarelli M, Fonseca MT, Lins LV (2003) Biodiversidade da caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 382 p.

Uetz P, Freed P, Hošek J (2020) The Reptile Database. Disponível em: <http://www.reptile-database.org>

Vanzolini PE, Ramos–Costa AMM, Vitt LJ (1980) Répteis das Caatingas. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, 161 p.

Os autores



Ronildo Alves Benício

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Piauí, mestrado em Zoologia pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, e doutorado em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos. Atualmente é pesquisador de Pós-doutorado na Universidade Federal do Ceará.



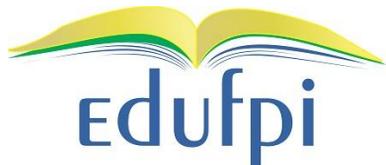
Robson Waldemar Ávila

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, mestrado em Ecologia e Conservação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e doutorado em Biologia Geral e Aplicada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é professor da Universidade Federal do Ceará.



Mariluce Gonçalves Fonseca

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, mestrado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, e doutorado em Doenças Tropicais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é professora da Universidade Federal do Piauí.



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ



*Universidade Regional
do Cariri - URCA*



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

Respeite a natureza